Estudo das paráfrases em HQs baseadas em *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo

Study of paraphrases in comic-books based on *Noite na taverna*, by Álvares de Azevedo

10.11606/2316-9877.2021.v9i2.185999

Kennedy Cabral Nobre¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Celeste Cristina Andrade Delfino²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Resumo

Tem como objetivo analisar como a obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (2005), foi parafraseada nas adaptações para histórias em quadrinhos de Seriacopi (2011) e Patati (2013), levando-se em consideração as perspectivas teóricas de Fuchs (1985; 1982). A metodologia utilizada foi pesquisa quantitativo-qualitativa. Na pesquisa quantitativa realizamos, após a seleção das paráfrases da obra original, a coleta e a análise dos dados através de procedimentos estatísticos, utilizando gráficos que apresentaram as paráfrases e as reproduções *ipsis litteris*. Quanto à pesquisa qualitativa, realizamos a análise das paráfrases a partir das categorias de Fuchs (1985): perspectiva lógica da equivalência, perspectiva gramatical da sinonímia e perspectiva retórica da reformulação; e de Fuchs (1982) plano locutivo, plano referencial, plano pragmático e plano simbólico. Os resultados apontam que grande parte da adaptação se vale do recurso de reprodução *ipsis litteris* do texto original. No que tange às paráfrases propriamente ditas, há predomínio da perspectiva lógica da equivalência, seguida da perspectiva retórica da reformulação e, com menor recorrência, a perspectiva gramatical da sinonímia. No que diz respeito aos planos, há predominância do plano locutivo e quase nenhum uso de paráfrase em plano simbólico, certamente para preservar as ideias do original.

Palavras-chave: Paráfrase. Histórias em quadrinhos. *Noite na Taverna*.

Abstract

It aims to analyze how the book *Noite na Taverna*, of Álvares de Azevedo (2005), was paraphrased in the adaptations to comics by Seriacopi (2011) and Patati (2013), taking into consideration as theoretical perspectives of Fuchs (1985) and Fuchs (1982). A methodology used in quantitative-qualitative research. In the quantitative research we

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), com atuação no Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGLin). E-mail: cabralnobre@unilab.edu.br <https://orcid.org/0000-0002-8382-2151>.

² Graduada em Letras pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: celeste.cristina50@hotmail.com <https://orcid.org/0000-0003-3461-0723>

performed, after a selection of the paragraphs of the original work, a collection and analysis of the data through statistical procedures, using graphs that presented as paragraphs and as *ipsis litteris* reproductions. About the qualitative research, it performs an analysis of the parables of the categories of Fuchs (1985): logical perspective of the equivalence, grammatical perspective of the synonymy and rhetorical perspective of the reformulation; and Fuchs (1982): locutive plane, referential plane, pragmatic plane and symbolic plane. The results show that a large part of the adaptation uses the *ipsis litteris* reproduction from the original text. As for the paraphrases, there is a predominance of the logical perspective of equivalence, followed by the rhetorical perspective of the reformulation and, with less recurrence, the grammatical perspective of synonymy. Regarding the plans, there is a predominance of the locative plan and almost no use of paraphrase in the symbolic plane, certainly to preserve the ideas of the original.

Keywords: Paraphrase. Comics. *Noite na Taverna*.

Introdução

A paráfrase é um tema amplo e ao mesmo tempo pertinente, de extrema relevância à luz dos estudos de diversas áreas da ciência Linguística, em especial os vetores estruturantes do discurso, que buscam operar na construção e produção de sentido textual. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar como a obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (2005), foi parafraseada nas adaptações para HQ de Seriacopi (2011) e Patati (2013), levando-se em consideração as perspectivas teóricas de Fuchs (1985) e Duarte (2003), bem como as técnicas de parafraseagem em língua portuguesa discutidas por Duarte (2003), Perini (2009), Oliveira (2008), Ilari e Geraldi (1990), Ilari (2014), Cançado (2010) e Marques (2011).

Neste trabalho levantamos as seguintes questões: a) de acordo com a proposta de Fuchs, como as paráfrases se apresentam quanto às perspectivas lógica da equivalência, gramatical da sinonímia e retórica da reformulação presentes na obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (2005), em comparação com as adaptações para quadrinhos de Seriacopi (2011) e Patati (2013)? b) Como as paráfrases se apresentam quanto aos planos locutivo, referencial, pragmático e simbólico presentes na obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (2005), nas adaptações para quadrinhos de Seriacopi (2011) e Patati (2013)? c) quais as proximidades existentes entre as duas adaptações quadrinísticas de Seriacopi (2011) e Patati (2013) e a obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (2005), quanto ao uso de paráfrases?

Realizadas as considerações acerca dos objetivos que moveram esta pesquisa, discutimos, a seguir, sumariamente a respeito da paráfrase, na visão

de variados autores.

1 - Compreendendo a paráfrase

O termo paráfrase, no grego *paraphrasis*, significa “continuidade ou repetição de uma sentença” (SANT’ANNA, 2003, p. 17). Fuchs (1985, p. 129), por sua vez, afirma que o termo “paráfrase” apareceu, na literatura linguística, em meados dos anos 60, tendo como função o desenvolvimento do “tratamento automático de textos, do estudo sistemático das relações entre frases (gramáticas transformacionais) e do alargamento das preocupações semânticas (da palavra ao enunciado)”. Apesar de tantas perspectivas distintas, de uma maneira geral a paráfrase relaciona-se à realização da reformulação de sentenças, partindo de uma sentença considerada original.

É válido salientar que a grande maioria dos trabalhos relacionados à paráfrase encontra-se inserida em discussão no escopo da sinonímia. Ilari e Geraldini (1990, p. 41) afirmam que a sinonímia está no plano lexical, em equivalência com a paráfrase que está no plano estrutural, bem como as outras noções do plano lexical são vinculadas a noções do plano estrutural, no sentido de serem uma espécie de “alargamento” de nível, isto é, do morfológico ao sintático.

A noção de paráfrase, nessa visão, pode ser definida como uma simples retomada de sentenças, em que nada é acrescentado, sendo uma espécie de ‘dizer em outras palavras’. Entretanto, conforme se investiga, a paráfrase pode abranger três escopos: a) a mera permuta lexical, b) a correspondência sintática, c) a analogia textual.

1.1 Permuta Lexical

Conforme Marques (2011, p. 113), “a paráfrase é uma sinonímia entre sintagmas ou sentenças”. Mediante exemplos que exploram a sinonímia entre os vocábulos *garoto*, *menino* e *guri*, a autora explica que, a partir de um conjunto de lexemas, é possível determinar os componentes que apresentam algo em comum; assim, verificando-se a ocorrência dos lexemas, em sentenças, apresentariam pelo menos uma leitura idêntica, como:

(1) “Há um *garoto* na rua.”

1.a. “Há um *ser humano* na rua.”

1.b. “Há um ser humano *macho* na rua.”

1.c. “Há um ser humano *não adulto* na rua.”

(2) “Há um *menino* na rua.”

2.a. “Há um *ser humano* na rua.”

2.b. “Há um ser humano *macho* na rua.”

2.c. “Há um ser humano *não adulto* na rua.”

(3) “Há um *guri* na rua.”

3.a. “Há um *ser humano* na rua.”

3.b. “Há um ser humano *macho* na rua.”

3.c. “Há um ser humano *não adulto* na rua.”

Marques (2011, p. 114) explicita que o conjunto “+ ser humano”, “+ macho” e “- adulto” mantém a igualdade de significado, isto é, ocorre sinonímia. Para a autora, este exemplo configura a igualdade de significado, isto é, a paráfrase, no plano denotativo, considerando-se as frases em comparação. Os exemplos acima, *garoto*, *menino* e *guri*, podem ser substituídos por: *ser humano*, *macho*, *não adulto*, de modo que as sentenças podem ser consideradas paráfrase umas das outras. Em todos os exemplos discutidos, a distinção entre pares de frases é unicamente lexical. Observa-se que esta visão é epistemologicamente dependente da semântica estrutural e da teoria dos campos semânticos.

1.2 Paráfrase no plano sintático

Ampliando a visão de Marques (2011[1990]), Oliveira (2008) afirma que a paráfrase se dá quando há uma semelhança de significados entre as sentenças. Duarte (2003, p. 241) também afirma que a paráfrase se dá quando a sinonímia não é considerada exclusivamente no plano lexical, mas também como um fenômeno encontradiço no plano sintático. Oliveira (2008, p. 79) exemplifica o fenômeno através de sentenças que apresentam equivalência semântica entre:

Voz ativa e voz passiva:

- (4) a. O Ipiranga derrotou o Galícia na Fonte Nova.
- b. O Galícia foi derrotado pelo Ipiranga na Fonte Nova.

Identidade Semântica:

- (5) a. Todos os estivadores aprovaram a greve.
- b. A greve dos estivadores foi aprovada por unanimidade.

Oposição de significados, unida a uma negação:

- (6) a. Lampião está morto.
- b. Lampião não está vivo.

Duarte (2003, p. 258) analisa a paráfrase como um “fenômeno sinonímico do domínio da sintaxe, embora submetido a fatores complexos que ultrapassam o plano estritamente estrutural, relativo às formas e aos sentidos”, neste sentido é válido citar a perspectiva de Ilari e Geraldi (1990, p. 42), os quais explicam que, quando duas orações são equivalentes com relação ao significado (ou seja, proferem a mesma coisa), são chamadas de paráfrase. Com base nisso, é oportuno afirmar que a paráfrase trata-se de uma sentença que apresenta as informações de outra sentença, contendo o mesmo sentido, com outras palavras.

1.2.1 Paráfrase e correspondência

Duarte (2003, p. 241), refletindo sobre a noção de correspondência em Perini (2009[1995]), ressalta que, mesmo que a paráfrase tenha relação com este fenômeno, ela “ultrapassa o âmbito da Semântica enquanto mera correspondência de estruturas, para adentrar o terreno pragmático e discursivo”. Duarte (2003) aproxima do conceito de paráfrase a noção de correspondência proposta por Perini (2009, p. 207), a qual “serve para descrever certas relações formais entre estruturas sintáticas diferentes”. O autor discute a noção de correspondência a partir do seguinte exemplo:

- (7) a. Leo comeu o peixinho.
- b. O peixinho, Leo comeu.

Conforme Perini (2009, p. 207), (7a) e (7b) são correspondentes, levando em consideração que, caso estabeleçamos que toda frase com objeto direto corresponda a uma outra frase com objeto direto topicalizado, será necessário enumerar as estruturas da língua que contêm objeto não topicalizado, como vimos em (7a) e as versões topicalizadas, em (7b), pois esta é derivada, automaticamente, da primeira. Além disso, fica claro que o *peixinho* em (7b) é objeto direto, bem como em (7a), ou seja, neste caso, pode-se considerar que o elemento topicalizado tem a mesma função sintática, o que pode contribuir para simplificar a análise.

De acordo com Perini (2009, p. 207-8), em ambos os casos, é possível notar que tanto (7a) como (7b) têm o mesmo conteúdo, mesmo sendo diferentes com relação ao elemento que é tomado como tópico da mensagem, estando, portanto, a relação de correspondência presente na maioria dos modelos de análise sintática. Conforme Perini (2009, p. 208), “a correspondência pode ser total (A corresponde a B, e vice-versa) ou parcial (A corresponde a B, mas B não corresponde a A)”. As sentenças (7a) e (7b) são totalmente correspondentes. O autor dedica-se a listar uma série de estruturas sintáticas responsáveis por gerar automaticamente paráfrases de uma sentença matriz para além da topicalização, tais como relação de voz ativa/voz passiva; clivagem; movimentação de clíticos e predeterminantes, etc.

1.3 Paráfrase além do âmbito linguístico

Duarte (2003, p. 243) afirma que, para Fuchs (1982), a paráfrase é empobrecida ao ser tratada como um fenômeno meramente estrutural, devendo ser ligada não apenas a fatores linguísticos, mas também à situação, ou seja, a paráfrase é mais do que uma estrutura linguística, pois depende do contexto situacional, em que há participantes envolvidos. O autor preocupa-se em enfatizar quatro tipos de parâmetros estabelecidos por Fuchs (1982), são eles: o locutivo, o referencial, o pragmático e o simbólico.

1.3.1 Plano Locutivo

O plano locutivo realiza uma decodificação alicerçando o sentido linguístico, é a chamada paráfrase, propriamente dita, e estaria inscrita no âmbito do sistema linguístico.

- (8) a. O homem entrou.
b. Ele usava um chapéu.

Em que é possível extrair desta possibilidade as seguintes paráfrases:

- c. O homem que entrou usava um chapéu.
d. Aquele que usava um chapéu é o homem e ele entrou.
e. Há um homem que usava um chapéu: é ele que entrou.

Duarte (2003) afirma que tanto as possibilidades de paráfrase como as variações semânticas são ilimitadas. Nestes exemplos, a função referencial, além de ser reconhecida como função metalinguística, também é reconhecida no plano locutivo, similarmente ao que ocorre à sinonímia lexical, que faz relação entre os significados de dois lexemas.

1.3.2 Plano Referencial

O plano referencial relaciona-se com a identidade das referências, a partir da situação extralinguística e não simplesmente pela estrutura sintático-semântica. Geralmente, as paráfrases são constituídas por expressões dêiticas.

Duarte (2003, p. 246) exemplifica através das seguintes frases:

- (9) a. Ele veio aqui no mês passado.
b. Paulo veio a Paris em janeiro.

Duarte (2003, p. 246) afirma que o plano destacado neste caso é o referencial, em que “a função referencial continua a persistir, uma vez que se considera a identidade das referências, mas estas são dadas pela situação e não apenas pela estrutura sintático-semântica.” Logo, a frase (9a) pode ser interpretada

pela frase (9b), isto é, a paráfrase está ancorada pelos, respectivamente, locutor e alocutário entre “ele” e “Paulo”, “aqui” e “a Paris”, “no mês passado” e “em janeiro”, que correspondem às identidades compartilhadas. O autor salienta que é imprescindível haver conhecimento compartilhado entre os interlocutores com relação às identidades referenciais que são projetadas no discurso.

1.3.3 Plano Pragmático

No plano pragmático, Duarte (2003, p. 247) afirma que a paráfrase é baseada nas intenções do locutor, “seu comprometimento com o ato de fala (valores ilocutórios) e nos efeitos sobre o receptor (valores perlocucionários)”, isto é, deve-se considerar a intenção do locutor, bem como o efeito causado ao receptor. O plano pragmático retoma os estudos de Austin (1990, p. 119), para o qual o ato de fala compreende três aspectos: o aspecto locucionário (é o ato de falar – dizer alguma coisa); o aspecto ilocucionário (é a intenção – o que é fazemos ao dizer o que dizemos); e o aspecto perlocucionário (é o efeito sobre o ouvinte – intencionalmente ou não). Duarte (2003, p. 248) também faz menção às noções de valor ilocucionário e de potencial ilocucionário, que se referem, respectivamente, ao ato de fala que praticamos ao enunciar a frase e aos atos ilocucionários proferidos numa frase.

1.3.4 Plano Simbólico

O plano simbólico se fundamenta nas figuras de estilos e nos gêneros literários. Conforme Duarte (2003, p. 249), a metáfora e a alegoria destacam-se neste tipo de paráfrase. Para o autor, são encontrados exemplos desse tipo de paráfrase na Bíblia, a partir da analogia das metáforas é possível que sejam estabelecidas, em termos de equivalência semântica, esquemas actanciais:

- (10) a. Moisés veio para libertar os *hebreus* da *escravidão egípcia*.
- b. Jesus veio para libertar o *homem* da *escravidão do pecado*.

- (11) a. A Páscoa é a comemoração da libertação do *povo hebreu* da *escravidão egípcia*.

b. A Páscoa é a comemoração da libertação do *homem* do *fenômeno da morte*.

O autor salienta que este tipo de paráfrase ocorre não apenas no discurso bíblico-religioso, mas também pode ser encontrado em alguns discursos literários. Duarte (2003, p. 250) afirma que “A paráfrase, no nível simbólico, não impõe frequentemente consenso, pois depende de crenças e do grau de capacidade figurativa por parte dos interlocutores”. O autor ressalta que o estudo da paráfrase no nível simbólico implica a análise dos vários gêneros literários.

1.4 Outras perspectivas

Fuchs (1985, p. 129) fala a respeito do conceito de “paráfrase”, de sua constante recorrência na literatura linguística. A autora afirma que, seja na teoria, seja na prática, a noção de paráfrase é difícil de precisar, afinal, pode ser caracterizada de formas distintas. A autora examina os três principais conceitos relativos à paráfrase na contemporaneidade, que são divididas em três seções: “a perspectiva lógica da equivalência formal, depois a perspectiva gramatical da sinonímia e finalmente a perspectiva retórica da reformulação”.

1.4.1 Perspectiva Lógica da Equivalência

Na paráfrase como equivalência formal entre frases, Fuchs (1985, p. 130) explana a ideia de equivalência, isto é, quando há duas proposições, tidas como equivalentes, significa que elas têm o mesmo valor de verdade, ou seja, se as sentenças são verdadeiras na mesma circunstância, elas se equivalem semanticamente. A autora dá alguns exemplos, ilustrando enunciados linguísticos, como:

(12) a. Todos os homens são mortais.

b. Não há nenhum homem que não seja mortal.

(13) a. É necessário que ele venha.

b. Não é possível que ele não venha.

(14) a. Eu partirei.

b. Eu não ficarei.

As regras de equivalência lógica são encontradas em Cançado (2008, p. 42-43), em que a noção de sinonímia entre sentenças é considerada paráfrase. Para explicar essa noção, a autora faz menção a Chierchia e McConnell-Ginet (1990), que afirmam que esta noção de sinonímia é chamada de sinonímia de conteúdo, podendo ser definida como: “A sentença (a) é sinonímia de conteúdo da sentença (b), quando (a) acarretar (b) e (b) acarretar (a)” (CANÇADO, 2008, p. 43).

1.4.2 Perspectiva Gramatical da Sinonímia

Para Fuchs (1985), esta perspectiva se baseia na ampliação ao escopo estrutural da noção de sinonímia lexical e corresponde à noção de paráfrase que foi discutida nos tópicos anteriores deste artigo. Assim como se questiona se a sinonímia lexical há identidade verdadeira entre termos ou proximidade semântica, a reflexão se amplia a nível da sentença. Mais atualmente, parece consensual entre os pesquisadores a ideia de que não há sinonímia perfeita, em seus níveis lexical e estrutural, de modo a desprezarem a abordagem quantitativa (identidade de sentido) e a abordagem qualitativa (sutis diferenças de significados, as quais motivariam a escolha de um termo por outro, ou de uma construção sintática por outra). A autora não se furta em considerar que, mesmo epistemologicamente distintas, a perspectiva gramatical da sinonímia e a perspectiva lógica da equivalência têm muitos pontos em comum, justamente por tomar a paráfrase no âmbito da língua (enquanto estrutura) e não no âmbito do discurso (enquanto realização).

1.4.3 Perspectiva Retórica da Reformulação

Com relação à paráfrase como reformulação, a autora aborda três tipos de questões a respeito das diversas abordagens da paráfrase a partir das perspectivas enunciativas, discursivas e pragmáticas. Primeiramente, a reformulação parafrástica trata da interpretação prévia do texto-fonte, isto é, a

interpretação se dá conforme a percepção de cada um, a forma como o texto é restaurado, de modo diferente. Segundo, a reformulação parafrástica se dá através da identificação da significação do texto-fonte, sendo reconstituído em um novo texto, através da interpretação do enunciador, quando ele produz a paráfrase. Em terceiro lugar, a reformulação parafrástica realiza a tradução por formas através das características de emprego metalinguístico da linguagem.

2 - Metodologia

Inicialmente, foi realizada a leitura da obra original *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo (2005) e, posteriormente, a leitura das duas adaptações em quadrinhos de Seriacopi (2011) e Patati (2013). Foram selecionadas as paráfrases da obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (2005), nas adaptações mencionadas, para a realização da análise a partir das categorias de Fuchs (1985): perspectiva lógica da equivalência, perspectiva gramatical da sinonímia e perspectiva retórica da reformulação; e de Fuchs (1982): plano locutivo, plano referencial, plano pragmático e plano simbólico.

Após a leitura, foi feita a comparação e o recorte das sentenças das obras, e realizada a separação: a) das reproduções *ipsis litteris*, b) das paráfrases propriamente ditas, c) dos casos em que houve a subversão do sentido original, d) e dos casos em que houve um desdobramento semântico permitido pelo conteúdo original aos contos (acréscimo). Após este levantamento de dados, foi feita a análise das paráfrases propriamente ditas (item 'b') conforme as perspectivas e os planos de Fuchs (1985; 1982) e Duarte (2003).

Salientamos que aspectos como as informações visuais contidas nas histórias em quadrinhos não foram consideradas neste trabalho, tais como: cor do texto, tamanho e tipo de fonte, presença ou ausência de palavras em itálico, negrito e sublinhado, representação imagética das personagens. Tais elementos, ainda que relevantes, não poderiam ser analisados conforme a teoria que fundamenta esta pesquisa.

Uma primeira observação realizada aponta que as adaptações em análise se valem regularmente de reproduções *ipsis litteris* do original, de forma a não utilizar em demasia o recurso da paráfrase. Vale ressaltar que também foram consideradas como reproduções *ipsis litteris* as sentenças com divergência em

relação a pontuações, presença ou ausência de vírgulas, exclamação, ponto final, etc., porém sem alteração das expressões linguísticas utilizadas. Salienta-se que, nos quadrinhos, há muito uso de ponto de exclamação.

Após realizar o levantamento de dados das reproduções *ipsis litteris* e das paráfrases, realizamos as análises das ocorrências nas respectivas perspectivas de Fuchs (1985): abordagem lógica da equivalência, abordagem gramatical da sinonímia, abordagem retórica da reformulação; e os respectivos planos: locutivo, referencial, pragmático, simbólico, discutidos em Fuchs (1982). A seguir apresentamos os gráficos conforme cada perspectiva e cada plano, tanto na história de Seriacopi, como na de Patati. Essas diferentes perspectivas para o estudo das paráfrases, contudo, são importantes para a explicação das motivações textuais e discursivas da passagem do texto em prosa à prática hiperestética da história em quadrinhos.

Gráfico 1 – Representação da quantidade de paráfrases produzidas considerando-se as perspectivas de Fuchs (1982) em Seriacopi

Fonte: Elaboração nossa

Conforme o Gráfico 1, podemos observar que do capítulo I ao capítulo VII da versão de Seriacopi foi possível analisar que 57,61% das paráfrases são produzidas conforme a perspectiva lógica da equivalência; 28,26% se embasam na perspectiva gramatical da sinonímia; e 14,13% são relacionadas à perspectiva retórica da reformulação.

Gráfico 2 - Representação da quantidade de paráfrases produzidas conforme planos em Seriacopi

Fonte: Elaboração nossa

No Gráfico 2, podemos observar que a maior parte das paráfrases baseia-se no plano locutivo.

Gráfico 3 – Representação da quantidade de paráfrases produzidas considerando-se as perspectivas de Fuchs (1982) em Patati

Fonte: Elaboração nossa

Conforme o Gráfico 3, foi possível analisar que 47,62% das paráfrases

são relacionadas à perspectiva lógica da equivalência; 37,71% à perspectiva retórica da reformulação; e 21,67% à perspectiva gramatical da sinonímia.

Gráfico 4 – Representação da quantidade de paráfrases produzidas conforme planos em Patati

Fonte: Elaboração nossa

No Gráfico 4, podemos observar há 47,66% das paráfrases produzidas a partir de um viés locutivo; ao passo que 42,06% das paráfrases são produzidas a partir de um viés pragmático; há número menos expressivo de paráfrases baseadas nos planos referencial e simbólico.

3 - Análise das paráfrases

Para realizar a análise dos *corpora* das paráfrases nas adaptações em quadrinhos de Seriacopi (2011) e Patati (2013) da obra *Noite na Taverna*, partimos das categorias já discutidas nos tópicos anteriores.

3.1 Perspectiva lógica da equivalência

A paráfrase a seguir (figura 1) pode ser explicada a partir da perspectiva lógica da equivalência por compartilharem uma propriedade lógica em comum com o original, ou seja, mesmo havendo alguma mudança nos sintagmas, as sentenças continuam equivalentes.

Figura 1 – Bertram

Fonte: SERIACOPI, 2011, p. 25. Acervo dos autores.

(15)

- a. Quando recobrei os sentidos estava num escaler de marinheiros que remavam mar em fora (AZEVEDO, 2005, p. 12)
- b. Quando recobrei os sentidos, estava num pequeno barco de marinheiros que remavam em direção a um navio (SERIACOPI, 2011, p. 25)

Neste exemplo, ao invés de a adaptação manter a palavra “escaler” no original (15a), usa o sintagma “pequeno barco” (19b). Essa substituição não provoca alteração substancial de sentido, visto que o sintagma é a definição do vocábulo substituído. Há uso de paráfrase clássica porque os termos podem ser substituídos no contexto da sentença.

3.2 Perspectiva gramatical da sinonímia

A paráfrase a seguir (figura 2) pode ser explicada mediante a perspectiva gramatical da sinonímia, que se dá quando a paráfrase ocorre no plano sentencial, isto é, quando há correspondência, ou seja, relação formal entre estruturas sintáticas diferentes. Isso ocorre quando há a mudança de combinação de sintagmas e a substituição de palavras por outras palavras da mesma família semântica em uma sentença.

Figura 2 – Último beijo de amor

Fonte: PATATI, 2013, p. 80. Acervo dos autores.

(16)

- a. Minhas ilusões de amante e as noites malditas da crápula, e o tédio que me inspiravam aqueles beijos frios das vendidas que me beijavam (AZEVEDO, 2005, p. 46)
- b. Minhas ilusões de amante! As noites malditas e os beijos das vendidas! (PATATI, 2013, p. 80)

Podemos observar que (16b) corresponde ao original (16a), ocorrendo em (16b) a permuta do conetivo coordenativo da conjunção coordenada aditiva “e” pelo ponto de exclamação, a excisão do sintagma “da crápula, e o tédio que me inspiravam aqueles beijos frios”. Em ambos os exemplos há a permuta de palavras por vocábulos sinônimos. Ocorre também nominalização, dada a substituição de um verbo por um nome, no caso, “beijavam” por “beijos das vendidas”.

3.3 Perspectiva retórica da reformulação

A perspectiva retórica da reformulação se dá a partir da interpretação e da percepção do enunciador, isto é, a partir da interpretação da visão do enunciador (FUCHS, 1982). Para entender a perspectiva retórica como reformulação faz-se necessário entender que essa perspectiva parte das construções enunciativas, discursivas e pragmáticas. A reformulação ocorre a partir da identificação da significação e da interpretação do texto-fonte, sendo reconstituído em um novo texto.

Figura 3 - Johann

Fonte: PATATI, 2013, p. 64. Acervo dos autores.

(17)

- a. Senhores, não há pois meio de conciliar-vos? (AZEVEDO, 2005, p. 41)
- b. Não há maneira de vocês desistirem dessa bobagem? (PATATI, 2013, p. 64)

No exemplo (figura 3), a substituição de “conciliar-vos” pelo sintagma “desistirem dessa bobagem” ocorre por processo de uma reformulação, visto que não há relações de sinonímia ou de inserção em campos semânticos do verbo *conciliar*. Não obstante, o sentido original se mantém na adaptação pela manutenção do contexto.

3.4 Plano locutivo

Para Duarte (2003), o plano locutivo é a chamada paráfrase propriamente dita, que realiza uma decodificação alicerçada no sentido linguístico. O autor afirma que tanto as possibilidades de paráfrase como as variações semânticas são ilimitadas.

Figura 4 - Uma noite do século

Fonte: SERIACOPI, 2011, p. 7. Acervo dos autores.

(18)

- a. Senhores, em nome de todas as nossas reminiscências, de todos os nossos sonhos que mentiram, de todas as nossas esperanças que desbotaram, uma última saúde! (AZEVEDO, 2005, p. 3-4)
- b. Senhores, em nome de todas as nossas lembranças, de todos os nossos sonhos que mentiram, de todas as nossas esperanças que desbotaram, uma última saúde! (SERIACOPI, 2011, p. 7)

A paráfrase em (18b) é produzida a partir do plano locutivo, pois há a substituição das palavras sinônimas “reminiscências” usada no original (22a) e “lembranças” usada em (18a), não havendo alteração de sentido.

3.5 Plano referencial

Para Duarte (2003), o plano referencial relaciona-se com a identidade das referências, a partir da situação extralinguística e não simplesmente pela estrutura sintático-semântica. Um exemplo de quando a paráfrase ocorre no plano referencial é quando locutor e alocutário correspondem às identidades compartilhadas. O autor salienta que é imprescindível haver conhecimento compartilhado entre os interlocutores com relação às identidades referenciais que são projetadas no discurso.

Figura 5 - Gennaro

Fonte: PATATI, 2013, p. 40. Acervo dos autores.

(19)

- a. Como eu o disse – o mestre tinha uma filha chamada Laura (AZEVEDO, 2005, p. 21)
- b. Como eu disse, Walsh tinha uma filha, a linda Laura (PATATI, 2013, p. 40)

Neste exemplo (19, figura 5), a paráfrase está constituída a partir do uso de expressão correferencial “mestre”, que tem a mesma identidade de “Walsh”. O compartilhamento das identidades do referente é o que assegura a construção da paráfrase nesta adaptação.

3.6 Plano pragmático

O plano pragmático, conforme Duarte (2003), é baseado nas intenções do locutor, no comprometimento do locutor com o ato de fala (valores ilocutórios – intenção, o que fazemos ao dizer o que dizemos) e nos efeitos sobre o receptor (valores perlocucionários – efeito sobre o ouvinte, intencionalmente ou não), neste caso, deve-se considerar a intenção do locutor, assim como o efeito causado ao receptor.

Figura 6 – Solfieri

Fonte: Patati, 2013, p. 24. Acervo dos autores.

(20)

- a. Solfieri, não é um conto isso tudo? (AZEVEDO, 2005, p. 9)
- b. Solfieri! Você não está exagerando, não? (PATATI, 2013, p. 24)

Comparando (20b, figura 6) ao original (20a) podemos perceber que, embora não haja correspondência semântica entre o par de frases, o valor ilocutório, ou seja, a intenção do locutor em (20b) é mantido, garantindo-se a paráfrase.

3.7 Plano simbólico

Conforme Duarte (2003, p. 249), no plano simbólico, a metáfora e a alegoria destacam-se neste tipo de paráfrase. A partir da analogia das metáforas, é possível que sejam estabelecidos, em termos de equivalência semântica, esquemas actanciais.

Figura 7 – Johann

Fonte: PATATI, 2013, p. 63.

(21)

- a. – Agora a minha vez! Quero lançar também uma moeda em vossa urna: e o cobre azinhavrado do mendigo: pobre esmola por certo! (AZEVEDO, 2005, p. 40)
- b. Eu também tenho meu caso para contar! (PATATI, 2013, p. 63)

O exemplo (21b, figura 7) foi extraído do sexto capítulo intitulado de “Johann”. A personagem principal começa o diálogo dizendo que também tem um caso para contar. Neste exemplo, se comparado ao original (21a), podemos perceber que se trata de uma metáfora, afinal, quando em (21a) Johann diz que quer lançar também uma moeda em vossa urna, ele está se referindo a sua história que ele também quer contar, quando em (21b) diz que também tem seu caso para contar. Com relação ao sintagma “pobre esmola por certo!”, ele faz referência também a sua história, com a intenção de dizer que não é uma história tão boa quanto as que já haviam sido contadas. A paráfrase realiza-se mediante a metaforização.

3.8 Subversão ao sentido original

Na subversão do sentido original, os autores adicionaram informações que não correspondiam ao texto original e o sentido mudou em algumas sentenças.

Figura 8 – Uma noite do século

Fonte: PATATI, 2013, p. 8. Acervo dos autores.

(22)

- a. Espiritualista, bebe a imaterialidade da embriaguez! (AZEVEDO, 2005, p. 11)
- b. Estamos só bebendo a alma dele, na nossa conversa espiritualista! (PATATI, 2013, p. 8, figura 8)

A adaptação da frase original, neste exemplo, não se configura como uma paráfrase, pois não mantém correspondência com o original em nenhum dos planos possíveis de transposição: locutivo, referencial, pragmático ou simbólico.

3.9 Acréscimo

No acréscimo, os autores realizaram, a partir do contexto, a interpretação e inseriram trechos que não fizeram com que mudasse o sentido das sentenças.

Figura 9 – Solfieri

Fonte: PATATI, 2013, p. 18. Acervo dos autores.

(23)

a. Nos beijos das mulheres nada me saciava (AZEVEDO, 2005, p. 7)

b. Nos beijos das mulheres que encontrava, nada me saciava (PATATI, 2013, p. 18)

Além da subversão do sentido original, identificamos alguns exemplos que nos apresentam acréscimo por parte dos autores das histórias em quadrinhos, que reproduziram trechos acrescentando informações, com base no contexto do original. É o que ocorre em (23b, figura 9), há o acréscimo do sintagma “que encontrava”, numa clara expansão do sentido original.

Considerações finais

Este trabalho foi desenvolvido a partir de pressupostos teóricos que abordaram as paráfrases conforme as perspectivas e os planos propostos por Fuchs (1982; 1985) e Duarte (2003), tendo como objetivo analisar como a obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo (2005), foi parafraseada nas adaptações para linguagem quadrinística de Reinaldo Seriacopi (2011) e Carlos Patati (2013). Os quadrinhos foram analisados considerando a perspectiva lógica da equivalência, a perspectiva gramatical da sinonímia e a perspectiva retórica da reformulação (FUCHS, 1985). Além disso, foram analisados os seguintes planos de acordo com Fuchs (1982): locutivo, referencial, pragmático e simbólico.

Os resultados apontaram grande recorrência do uso de reprodução *ipsis litteris* do texto original. Quando houve adaptação do texto mediante paráfrase, esta foi orientada pela perspectiva lógica da equivalência formal, a partir do plano locutivo, preferencialmente. Tais escolhas apontam que os adaptadores buscaram manter-se fiéis aos originais, principalmente na adaptação de Seriacopi. A adaptação de Patati, por sua vez, valeu-se também com grande recorrência do plano pragmático, com provável intuito de suavizar as o estilo rebuscadamente romântico do texto original, de modo a atrair, possivelmente, um público maior.

O trabalho apresenta, todavia, lacunas, as quais podem ser investigadas em pesquisas posteriores, entre as quais citamos a análise global das narrativas

originais, de modo a avaliar se houve alterações, excisões ou acréscimos no enredo; e a adaptação imagética, relacionada à descrição e representação de cenas, lugares e personagens.

Referências

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. *Noite na Taverna*. Belo Horizonte: CEDIC – Centro Difusor de Cultura, 2005.

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica*: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. Elementos para o estudo da paráfrase. *Revista Letras*, Curitiba, n. 59, p. 241-259, jan/jun. 2003.

FUCHS, Catherine. *La paraphrase*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

FUCHS, Catherine. A paráfrase lingüística: equivalência, sinonímia ou reformulação? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 8, p. 129-134, 1985.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1990.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. 7 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Manual de semântica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PATATI, Carlos. *Noite na Taverna*: história em quadrinhos. São Paulo: Editora DCL, 2013.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2009.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. 7. ed. São Paulo: Ática: 2003.

SERIACOPI, Reinaldo. *Noite na Taverna*. São Paulo: Ática, 2011. (Clássicos Brasileiros em HQ)